

PAPA  
FRANCISCO

CAMINHAR  
*com* JESUS  
*O coração da vida cristã*

Organização  
GIULIANO VIGINI



FONTANAR

Copyright © 2014 by Edizioni San Paolo s.r.l.  
Piazza Soncino, 5 — 20092 Cinisello Balsamo (Milano)  
www.edizionisanpaolo.it

Copyright © 2014 by Periodici San Paolo s.r.l.  
Via Giotto, 36 — 20145 Milano  
www.famigliacristiana.it

Copyright © 2014 by Libreria Editrice Vaticana  
00120 Città del Vaticano  
www.libreriaeditricevaticana.com

O selo Fontanar foi licenciado para a Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Caminnare com Gesù  
CAPA Claudia Espínola de Carvalho  
FOTO DE CAPA Vatican Pool/ Getty Images  
PREPARAÇÃO Tulio Kawata  
REVISÃO Vivian Miwa Matsushita e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Francisco, Papa, 1936-

Caminhar com Jesus: o coração da vida cristã / Papa Francisco ; organização Giuliano Vignini. — 1ª ed. — São Paulo : Fontanar, 2015.

Título original: Caminnare com Gesù.  
ISBN 978-85-390-0658-8

1. Francisco, Papa, 1936 — 2. Igreja Católica — Doutrinas 3. Jesus Cristo — Ensinamentos 4. Vida cristã  
I. Vignini, Giuliano. II. Título.

14-13462

CDD-262

Índice para catálogo sistemático:

1. Evangelização : Teologia: Cristianismo 262

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501

## O Evangelho do caminho

### A META E O CAMINHO

A plenitude a que Jesus leva a fé possui um aspecto decisivo: na fé, Cristo não é apenas aquele em quem acreditamos, a maior manifestação do amor de Deus, mas é também aquele a quem nos unimos para poder acreditar. A fé não só olha para Jesus, mas olha também a partir da perspectiva de Jesus e com os seus olhos: é uma participação no seu modo de ver. Em muitos âmbitos da vida, fiamos-nos em outras pessoas que conhecem as coisas melhor do que nós: temos confiança no arquiteto que constrói a nossa casa, no farmacêutico que nos fornece o remédio para a cura, no advogado que nos defende no tribunal. Precisamos também de alguém que seja fiável e perito nas coisas de Deus: Jesus, seu Filho, apresenta-se como aquele que nos explica Deus.<sup>1</sup> A vida de Cristo, a sua maneira de conhecer o Pai, de viver totalmente em relação com ele abre um espaço novo à experiência humana, e podemos entrar nele. São João exprimiu a importância que a relação pessoal com Jesus tem para a nossa fé através de vários usos do verbo *crer*. Juntamente com o “crer que” é verdade, o que Jesus nos diz,<sup>2</sup> João usa mais duas expressões: “crer a (sinônimo

de dar crédito a)” Jesus e “crer em” Jesus. “Cremos a” Jesus quando aceitamos a sua palavra, o seu testemunho, porque ele é verdadeiro.<sup>3</sup> “Cremos em” Jesus quando o acolhemos pessoalmente na nossa vida e nos confiamos a ele, aderindo a ele no amor e seguindo-o ao longo do caminho.<sup>4</sup>

Para nos permitir conhecê-lo, acolhê-lo e segui-lo, o Filho de Deus assumiu a nossa carne; e, assim, a sua visão do Pai deu-se também de forma humana, através de um caminho e um percurso no tempo. A fé cristã é fé na encarnação do Verbo e na sua ressurreição na carne; é fé num Deus que se fez tão próximo que entrou na nossa história. A fé no Filho de Deus feito homem em Jesus de Nazaré não nos separa da realidade; antes permite-nos individualizar o seu significado mais profundo, descobrir quanto Deus ama este mundo e o orienta sem cessar para si; e isto leva o cristão a comprometer-se, a viver de modo ainda mais intenso o seu caminho sobre a terra.

A partir dessa participação no modo de ver de Jesus, o apóstolo Paulo deixou-nos, nos seus escritos, uma descrição da existência crente. Aquele que acredita, ao aceitar o dom da fé, é transformado numa nova criatura, recebe um novo ser, um ser filial, torna-se filho no Filho: “*Abba, Pai*” é a expressão mais característica da experiência de Jesus, que se torna centro da experiência cristã.<sup>5</sup> A vida na fé, como existência filial, é reconhecer o dom originário e radical que está na base da existência do homem, podendo resumir-se nesta frase de são Paulo aos coríntios: “Que tens tu que não tenhas recebido?”.<sup>6</sup> É precisamente aqui que se situa o cerne da polémica do Apóstolo com os fariseus: a discussão sobre a salvação pela fé ou pelas obras da lei. Aquilo que são Paulo rejeita é a atitude de quem quer justificar-se diante de Deus através das próprias obras; essa pessoa, mesmo quando obedece aos mandamentos, mesmo quando realiza obras boas, coloca a si própria no centro e não reconhece que a origem do bem é Deus. Quem atua assim, quem quer ser fonte da sua própria justiça, depressa a vê exaurir-se e descobre que não pode sequer aguentar-se na fidelidade à lei; fecha-se, isolando-se do Senhor e dos outros, e,

por isso, a sua vida torna-se vã, as suas obras estéreis, como árvore longe da água. Assim se exprime Santo Agostinho com a sua linguagem concisa e eficaz: “Não te afastes daquele que te fez, nem mesmo para te encontrares a ti”. Quando o homem pensa que, afastando-se de Deus, encontrar-se-á a si mesmo, a sua existência fracassa.<sup>7</sup> O início da salvação é a abertura a algo que nos antecede, a um dom originário que sustenta a vida e a guarda na existência. Só abrindo-nos a essa origem e reconhecendo-a é que podemos ser transformados, deixando que a salvação atue em nós e torne a vida fecunda, cheia de frutos bons. A salvação pela fé consiste em reconhecer o primado do dom de Deus, como resume são Paulo: “Porque é pela graça que estais salvos, por meio da fé. E isto não vem de vós, é dom de Deus”.<sup>8</sup>

A nova lógica da fé centra-se em Cristo. A fé em Cristo salva-nos, porque é nele que a vida se abre radicalmente a um Amor que nos precede e transforma a partir de dentro, que age em nós e conosco. Vê-se isso claramente na exegese que o Apóstolo dos gentios faz de um texto do Deuteronomio; uma exegese que se insere na dinâmica mais profunda do Antigo Testamento. Moisés diz ao povo que o mandamento de Deus não está demasiado alto nem demasiado longe do homem; não se deve dizer: “Quem subirá por nós até o céu e no-la irá buscar?” ou “Quem atravessará o mar e no-la irá buscar?”.<sup>9</sup> Essa proximidade da palavra de Deus é concretizada por são Paulo na presença de Jesus no cristão. “Não digas no teu coração: Quem subirá ao céu? Seria para fazer com que Cristo descesse. Nem digas: Quem descera ao abismo? Seria para fazer com que Cristo subisse de entre os mortos”.<sup>10</sup> Cristo desceu à terra e ressuscitou dos mortos: com a sua encarnação e ressurreição, o Filho de Deus abraçou o percurso inteiro do homem e habita nos nossos corações por meio do Espírito Santo. A fé sabe que Deus se tornou muito próximo de nós, que Cristo nos foi oferecido como grande dom que nos transforma interiormente, que habita em nós, e assim nos dá a luz que ilumina a origem e o fim da vida, o arco inteiro do percurso humano.

Podemos, assim, compreender a novidade a que a fé nos conduz.

O crente é transformado pelo Amor, ao qual se abriu na fé; e, na sua abertura a esse Amor que lhe é oferecido, a sua existência dilata-se para além dele próprio. São Paulo pode afirmar: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”,<sup>11</sup> e exortar: “Que Cristo, pela fé, habite nos vossos corações”.<sup>12</sup> Na fé, o “eu” do crente dilata-se para ser habitado por um Outro, para viver num Outro, e, assim, a sua vida amplia-se no Amor. É aqui que se situa a ação própria do Espírito Santo: o cristão pode ter os olhos de Jesus, os seus sentimentos, a sua predisposição filial, porque é feito participante do seu Amor, que é o Espírito; é nesse Amor que se recebe, de algum modo, a visão própria de Jesus. Fora dessa conformação no Amor, fora da presença do Espírito que o infunde nos nossos corações,<sup>13</sup> é impossível confessar Jesus como Senhor.<sup>14</sup>

Desse modo, a vida do fiel torna-se existência eclesial. Quando são Paulo fala aos cristãos de Roma do único corpo que todos os crentes formam em Cristo, exorta-os a não se vangloriarem, mas a se avaliarem “de acordo com a medida de fé que Deus distribuiu a cada um”.<sup>15</sup> O crente aprende a ver a si mesmo a partir da fé que professa. A figura de Cristo é o espelho em que descobre realizada a sua própria imagem. E dado que Cristo abraça em si todos os crentes que formam o seu corpo, o cristão compreende a si mesmo nesse corpo, em relação primordial com Cristo e com os irmãos na fé. A imagem do corpo não pretende reduzir o crente a simples parte de um todo anônimo, a mero elemento de uma grande engrenagem; antes, sublinha a união vital de Cristo com os crentes e de todos os crentes entre si.<sup>16</sup> Os cristãos sejam “todos um só”,<sup>17</sup> sem perder a sua individualidade, e, no serviço aos outros, cada um ganha profundamente o próprio ser. Compreende-se assim por que motivo, fora desse corpo, dessa unidade da Igreja em Cristo — dessa Igreja que, segundo as palavras de Romano Guardini, “é a portadora histórica do olhar global de Cristo sobre o mundo” —, a fé perca a sua “medida”, já não encontre o seu equilíbrio, nem o espaço necessário para se manter de pé. A fé tem uma forma necessariamente eclesial, é professada partindo

do corpo de Cristo, como comunhão concreta dos crentes. A partir desse lugar eclesial, ela abre o indivíduo cristão a todos os homens. Uma vez escutada, a palavra de Cristo, pelo seu próprio dinamismo, transforma-se em resposta no cristão, tornando-se ela mesma palavra pronunciada, confissão de fé. São Paulo afirma: “Realmente com o coração se crê [...] e com a boca se faz a profissão de fé”.<sup>18</sup> A fé não é um fato privado, uma concepção individualista, uma opinião subjetiva, mas nasce de uma escuta e destina-se a ser pronunciada e a tornar-se anúncio. Com efeito, “como hão-de acreditar naquele de quem não ouviram falar? E como hão-de ouvir falar, sem alguém que o anuncie?”.<sup>19</sup> Concluindo, a fé torna-se operativa no cristão a partir do dom recebido, a partir do Amor que o atrai para Cristo<sup>20</sup> e o torna participante do caminho da Igreja, peregrina na história rumo à perfeição. Para quem foi assim transformado, abre-se um novo modo de ver, a fé torna-se luz para os seus olhos.

## O EVANGELHO: A BOA-NOVA ETERNA

Um anúncio renovado proporciona aos crentes, mesmo tíbios ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora. Na realidade, o seu centro e a sua essência são sempre o mesmo: o Deus que manifestou o seu amor imenso em Cristo morto e ressuscitado. Ele torna os seus fiéis sempre novos; ainda que sejam idosos, “renovam as suas forças. Têm asas como a águia, correm sem se cansar, marcham sem desfalecer”.<sup>1</sup> Cristo é a “Boa-Nova de valor eterno”,<sup>2</sup> sendo “o mesmo ontem, hoje e pelos séculos”,<sup>3</sup> mas a sua riqueza e a sua beleza são inesgotáveis. Ele é sempre jovem, e fonte de constante novidade. A Igreja não cessa de se maravilhar com a “profundidade de riqueza, de sabedoria e de ciência de Deus”.<sup>4</sup> São João da Cruz dizia: “Esta espessura de sabedoria e ciência de Deus é tão profunda e imensa, que, por mais que a alma saiba dela, sempre pode penetrá-la mais profundamente”. Ou ainda, como afirmava san-

to Ireneu: “Na sua vinda, [Cristo] trouxe consigo toda a novidade”. Com a sua novidade, ele pode sempre renovar a nossa vida e a nossa comunidade, e a proposta cristã, ainda que atravessasse períodos obscuros e fraquezas eclesiais, nunca envelhece. Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-lo, e surpreende-nos com a sua constante criatividade divina. Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda ação evangelizadora autêntica é sempre “nova”.

### OS TRÊS MOVIMENTOS DO CRISTÃO

Vejo que essas três leituras têm algo em comum: é o movimento. Na primeira leitura, o movimento no caminho; na segunda leitura, o movimento na edificação da Igreja; na terceira, no Evangelho, o movimento na confissão. Caminhar, edificar, confessar.

Caminhar. “Vinde, Casa de Jacó! Caminhemos à luz do Senhor”.<sup>1</sup> Trata-se da primeira coisa que Deus disse a Abraão: caminhe na minha presença e sê irrepreensível. Caminhar: a nossa vida é um caminho e, quando nos detemos, está errado. Caminhar sempre, na presença do Senhor, à luz do Senhor, procurando viver com aquela irrepreensibilidade que Deus pedia a Abraão, na sua promessa.

Edificar. Edificar a Igreja. Fala-se de pedras: as pedras têm consistência; mas pedras vivas, pedras unguidas pelo Espírito Santo. Edificar a Igreja, a Esposa de Cristo, sobre aquela pedra angular que é o próprio Senhor. Aqui temos outro movimento da nossa vida: edificar.

Terceiro, confessar. Podemos caminhar o que quisermos, podemos edificar um monte de coisas, mas, se não confessarmos Jesus Cristo, está errado. Tornar-nos-emos uma ONG sociocaritativa, mas

não a Igreja, Esposa do Senhor. Quando não se caminha, fica-se parado. Quando não se edifica sobre as pedras, que acontece? Acontece o mesmo que às crianças na praia quando fazem castelos de areia: tudo se desmorona, não tem consistência. Quando não se confessa Jesus Cristo, faz-me pensar nesta frase de Léon Bloy: “Quem não reza ao Senhor, reza ao diabo”. Quando não confessa Jesus Cristo, confessa o mundanismo do diabo, o mundanismo do demônio.

Caminhar, edificar-construir, confessar. Mas a realidade não é tão fácil, porque às vezes, quando se caminha, constrói ou confessa, sentem-se abalos, há movimentos que não são os movimentos próprios do caminho, mas movimentos que nos puxam para trás.

Esse Evangelho continua com uma situação especial. O próprio Pedro, que confessou Jesus Cristo, lhe diz: Tu és Cristo, o Filho de Deus vivo. Eu te sigo, mas de cruz não se fala. Isso não vem a propósito. Sigo-te com outras possibilidades, sem a cruz. Quando caminhamos sem a cruz, edificamos sem a cruz ou confessamos um Cristo sem cruz, não somos discípulos do Senhor: somos mundanos, somos bispos, padres, cardeais, papas, mas não discípulos do Senhor.

Eu queria que, depois destes dias de graça, todos nós tivéssemos a coragem, sim, a coragem, de caminhar na presença do Senhor, com a cruz do Senhor; de edificar a Igreja sobre o sangue do Senhor, que é derramado na cruz; e de confessar como nossa única glória Cristo Crucificado. E assim a Igreja vai para diante.

Faço votos de que, pela intercessão de Maria, nossa Mãe, o Espírito Santo conceda a todos nós esta graça: caminhar, edificar, confessar Jesus Cristo Crucificado.

## CAMINHAR COM JESUS

Lemos no Evangelho de Marcos: “Jesus *caminhava à frente deles*”.<sup>1</sup>

Também neste momento, Jesus caminha à nossa frente. Ele está sempre à nossa frente. Precede-nos e abre-nos o caminho... E esta é

a nossa confiança e a nossa alegria: ser seus discípulos, estar com ele, caminhar atrás dele, segui-lo...

Quando eu e os cardeais concelebramos a primeira Santa Missa na Capela Sistina, “caminhar” foi a primeira palavra que o Senhor nos propôs: caminhar e, em seguida, construir e confessar.

Hoje volta aquela palavra, mas como um ato, como a ação de Jesus que continua: “Jesus *caminhava*...”. Isto é uma coisa que impressiona nos Evangelhos: Jesus caminha muito e instrui os seus discípulos ao longo do caminho. Isto é importante. Jesus não veio para ensinar uma filosofia, uma ideologia... mas um “caminho”, uma estrada que se deve percorrer com ele; e aprende-se a estrada percorrendo-a, caminhando. Sim, queridos irmãos, esta é a nossa alegria: caminhar com Jesus.

E isso não é fácil, não é cômodo, porque a estrada que Jesus escolhe é o caminho da cruz. Enquanto estão a caminho, fala aos seus discípulos do que lhe acontecerá em Jerusalém: preanuncia a sua paixão, morte e ressurreição. E eles ficam “surpreendidos” e “cheios de medo”. Surpreendidos, sem dúvida, porque, para eles, subir a Jerusalém significava participar no triunfo do Messias, na sua vitória — como se vê em seguida pelo pedido de Tiago e João; e cheios de medo, por causa daquilo que Jesus haveria de sofrer e que se arriscavam a sofrer eles também.

Mas nós, ao contrário dos discípulos de então, sabemos que Jesus venceu e não deveríamos ter medo da cruz; antes, é na cruz que temos posta a nossa esperança. Contudo, sendo também humanos, pecadores, estamos sujeitos à tentação de pensar à maneira dos homens e não de Deus.

E quando se pensa de maneira mundana, qual é a consequência? Diz o Evangelho: “Os outros dez *indignaram-se* com Tiago e João”.<sup>2</sup> Indignaram-se. Se prevalecer a mentalidade do mundo, sobrevêm as rivalidades, as invejas, as facções...

Assim, essa palavra que o Senhor nos dirige hoje, é muito salutar! Purifica-nos interiormente, ilumina as nossas consciências e ajuda

a nos sintonizarmos plenamente com Jesus; e a fazê-lo juntos, no momento em que aumenta o Colégio Cardinalício com a entrada de novos Membros.

Então “Jesus *chamou-os...*”.<sup>3</sup> Aqui temos o outro gesto do Senhor. Ao longo do caminho, dá-se conta de que há necessidade de falar aos Doze, para e chama-os para junto de si. Irmãos, deixemos que o Senhor Jesus nos chame para junto de si! Deixemo-nos “con-vocar” por ele. E ouçamo-lo, com a alegria de acolhermos juntos a sua Palavra, de nos deixarmos instruir por ela e pelo Espírito Santo para, ao redor de Jesus, nos tornarmos cada vez mais um só coração e uma só alma.

E, enquanto nos encontramos assim convocados pelo nosso único Mestre, “chamados para junto dele”, digo-vos aquilo de que a Igreja precisa: precisa de vós, da vossa colaboração e, antes disso, da vossa comunhão comigo e entre vós. A Igreja precisa da vossa coragem, para anunciar o Evangelho a tempo e fora de tempo, e para dar testemunho da verdade. A Igreja precisa da vossa oração pelo bom caminho do rebanho de Cristo; a oração — não o esqueçamos! — que é, juntamente com o anúncio da Palavra, a primeira tarefa do bispo. A Igreja precisa da vossa compaixão, sobretudo neste momento de tribulação e sofrimento em tantos países do mundo. Expressamos juntos a nossa proximidade espiritual às comunidades eclesiais e a todos os cristãos que sofrem discriminações e perseguições. Devemos lutar contra toda discriminação! A Igreja precisa da nossa oração em favor deles, para que sejam fortes na fé e saibam reagir ao mal com o bem. E esta nossa oração estende-se a todo homem e mulher que sofre injustiça por causa das suas convicções religiosas.

A Igreja precisa de nós também como homens de paz, precisa que façamos a paz com as nossas obras, os nossos desejos, as nossas orações. Fazer a paz! Artesãos da paz! Por isso invocamos a paz e a reconciliação para os povos que, nestes tempos, vivem provados pela violência, pela exclusão e pela guerra.

Caminhemos juntos atrás do Senhor e deixemo-nos cada vez

mais convocar por ele, no meio do povo fiel, do santo povo fiel de Deus, da Santa Mãe Igreja.

## A ALEGRIA DO ENCONTRO

A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. [...]

O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do Seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Esse é um risco, certo e permanente, que também os crentes correm. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Essa não é a escolha de uma vida digna e plena, esse não é o desígnio que Deus tem para nós, essa não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado.

Convido todo cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por ele, de o procurar dia após dia sem cessar. Não há motivo para alguém pensar que esse convite não lhe diz respeito, já que “da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído”. Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que ele já aguardava de braços abertos a sua chegada. Esse é o momento para dizer a Jesus Cristo: “Senhor, deixei-me enganar, de mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar a minha aliança convosco. Preciso de vós.

Resgatai-me de novo, Senhor; aceitai-me mais uma vez nos vossos braços redentores”. Como nos faz bem voltar para ele, quando nos perdemos! Insisto uma vez mais: Deus nunca se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia. Aquele que nos convidou a perdoar “setenta vezes sete”<sup>1</sup> dá-nos o exemplo: ele perdoa setenta vezes sete. Volta uma vez e outra a carregar-nos em seus ombros. Ninguém nos pode tirar a dignidade que esse amor infinito e inabalável nos confere. Ele permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e sempre nos pode restituir a alegria. Não fujamos da ressurreição de Jesus; nunca nos demos por mortos, suceda o que suceder. Que nada possa mais do que a sua vida, que nos impele para diante!